



## **A Percepção dos Deficientes Visuais em Atrativos Turísticos: O caso da Igreja de São Pelegrino**

Fernanda Costa Vasseur <sup>1</sup>

Aluna egressa do Bacharelado em Turismo da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul.

Paula Nora <sup>2</sup>

Coordenadora e docente do Bacharelado em Turismo da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul.

### **RESUMO**

O objetivo do presente trabalho se deu no sentido de pesquisar e analisar as necessidades dos deficientes visuais em relação à infraestrutura e ao atendimento, na Igreja de São Pelegrino, localizada na cidade de Caxias do Sul, para que seja possível melhorar o serviço oferecido aos turistas e à comunidade local. A pesquisa teve caráter exploratório-descritivo, de corte qualitativo e contou com o apoio do Instituto de Audiovisão (INAV). Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, realizou-se entrevista, com sete deficientes visuais. Desses, cinco cegos e dois com baixa visão. A Igreja de São Pelegrino foi eleita como objeto de observação, em função da sua importância no cenário turístico municipal. A partir da análise dos dados obtidos e com o apoio da literatura, constatou-se que, com algumas adaptações, é possível trabalhar de forma a melhorar os serviços oferecidos no local, para atender os deficientes visuais e, também, os videntes; no intuito de aumentar a satisfação tanto da população autóctone quanto dos turistas.

**Palavras-chave:** Deficiência visual; Infraestrutura; Atendimento; Turismo; Igreja de São Pelegrino.

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul (2011). E-mail: [fernandavasseur@gmail.com](mailto:fernandavasseur@gmail.com)

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS (2003). Mestre em Turismo pela mesma instituição (2009). Coordenadora e Professora do Bacharelado em Turismo da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul. E-mail: paulanora@me.com

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo as estatísticas do IBGE, no ano de 2000, o total da população no estado do Rio Grande do Sul era de 10.187.842, sendo que 980.051 dessas pessoas possuíam incapacidade ou grande dificuldade permanente de enxergar. Esses dados demonstram que o número de deficientes visuais é bastante significativo e, portanto, considera-se que, fazer uma investigação com o intuito de melhor compreender suas necessidades, se faz necessário.

Ao longo dos anos estão sendo criadas leis que, ao menos em teoria, aumentam os direitos das pessoas com deficiência. Como consequência, observa-se um crescimento do número de cegos com nível de escolaridade mais elevado e qualificação para o mercado de trabalho, resultando em maior independência para essa parcela da população. Dessa forma, acredita-se que, igualmente, a exigência dos deficientes quanto ao atendimento em locais públicos, tenha aumentado.

Este trabalho visa a detectar quais seriam as adaptações necessárias para melhor atender a comunidade da região e os turistas com deficiência visual, na Igreja de São Pelegrino, situada na cidade de Caxias do Sul – RS. Foi escolhido por sua localização privilegiada e sua relevância cultural, artística e religiosa, bem como sua importância enquanto atrativo turístico.

Dessa forma, considerou-se fundamental estudar a percepção dos deficientes visuais em relação à infraestrutura e ao atendimento, nessa Igreja, para que fosse possível compreender as suas necessidades. Na tentativa de responder o problema de pesquisa, aplicou-se uma entrevista, com o intuito de identificar, o mais objetivamente possível, as reais necessidades desse grupo de pessoas.

Assim, primeiramente, fez-se a aplicação de um pré-teste, com uma deficiente visual, objetivando detectar possíveis falhas no instrumento, que poderiam dificultar seu entendimento. Feitas as devidas adequações, contactou-se o Instituto de Audiovisão (INAV), convidando seus frequentadores para participarem da pesquisa. A escolha dessa entidade ocorreu devido a sua localização central, bem como a receptividade e a disponibilidade dos funcionários e alunos em participar deste trabalho. O próprio Instituto, então, indicou um grupo de pessoas por considerá-las bastante receptivas para auxiliar em causas que possam, de alguma forma, beneficiar os deficientes visuais, melhorando sua

qualidade de vida. Alguns dos convidados, porém, não puderam participar por possuírem outros compromissos no dia e horário agendado. A pesquisa foi realizada com deficientes visuais de idades, escolaridades e profissões variadas, com o intuito de ser o mais abrangente possível.

Os dados obtidos por meio dessa pesquisa foram analisados, considerando, ainda, a bibliografia pertinente. Esta pesquisa se propôs a detectar os pontos fracos do atendimento aos deficientes visuais, inclusive os turistas para, posteriormente, analisar, comparativamente, os elementos da infraestrutura e do atendimento disponibilizados pela Igreja de São Pelegrino e os desejados pelos deficientes visuais e, ainda, sugerir algumas ações de melhoria.

## **2 DEFICIÊNCIA VISUAL: BREVE HISTÓRIA DA CEGUEIRA**

Na Antiguidade, aproximadamente século VIII a.C., era comum à sociedade matar ou abandonar crianças que nasciam com anormalidades ou até mesmo adultos que adquiriam algum tipo de deficiência ao longo da vida. Algumas comunidades acreditavam que quem nascia ou desenvolvia deficiência visual estava possuída por espíritos malignos. Essa crença dificultava a relação interpessoal e em última instância, acabava não permitindo a interação com os cegos.

Na Roma Antiga, por volta de 753 a.C., o patriarca de uma família tinha o direito de matar um filho nascido disforme ou com alguma anomalia, conforme as Leis das Doze Tábuas. Já em Esparta, o cidadão pertencia ao Estado, por isso os pais tinham o dever de apresentar a criança em praça pública ao Magistrado. Quando essa criança tinha alguma deficiência, era eliminada, geralmente, sendo jogada de algum precipício.

Com o Cristianismo, na Idade Média, que teve seu início no século V, essas pessoas eram alvo de caridade e compaixão. Foi nessa época que surgiram as instituições com o intuito de cuidar e proteger quem tivesse deficiências, porém, por se tratar de asilos, elas continuavam isoladas da sociedade, sem direito a estudar ou trabalhar.

No entanto, esse avanço resultou, posteriormente, na primeira escola para cegos do mundo, inaugurada no ano de 1784 em Paris. O Instituto Real dos Jovens Cegos foi fundado por Valentin Haüy, que adaptou os caracteres comuns, criando linhas em alto relevo. A partir desse sistema, mais tarde, surgiria o Sistema Braille.

Apesar desse avanço, foi apenas na idade contemporânea, com a expansão dos ideais da Revolução Francesa, – igualdade, liberdade e fraternidade – que surgiu uma nova consciência social. Com a invenção do sistema de escrita em alto relevo por Louis Braille, em 1825, a alfabetização de quem não enxergava tornou-se facilitada. O Sistema Braille, como ficou conhecido, foi introduzido no Brasil em 1854. Desde então foram feitas algumas alterações nesse modo de escrita, chegando ao que conhecemos atualmente. Mesmo com a resistência de alguns países em adotá-lo, o Braille se mostrou o melhor sistema de leitura e escrita para cegos.

Entretanto, somente quando a Organização das Nações Unidas (ONU) começou a dedicar-se ao assunto que os Estados e a sociedade passaram a dar a devida atenção à causa. Com o passar dos anos foram criadas leis que permitiam o estudo e o trabalho para as pessoas cegas.

Assim, cada vez mais, nota-se um crescimento dos direitos das pessoas com necessidades especiais. Isso pode ser percebido pela criação do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE) em 1999, e também, pela autorização da entrada e permanência de cães-guia em locais de uso coletivo e no transporte público, conforme Lei nº 11.126/05. Outro grande avanço ocorreu na área da comunicação quando, em 1997, os Correios passaram a transcrever o Braille para a escrita comum e vice-versa.

Com isso, percebe-se uma melhora considerável, apesar de lenta, com o passar do tempo em relação ao convívio e tratamento das pessoas com deficiência. Sabe-se que isso aumenta a qualidade de vida e o bem estar dos deficientes.

### **3 ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL**

Em todo o mundo, o uso dos termos “acessibilidade” e “inclusão social” vem crescendo, apesar de serem muito empregados em nosso país, poucas vezes são colocados em prática. Conforme o decreto nº3.298 de 1999, que regulamenta a lei nº7.853/89, o art. 2º desta lei mostra que, cabe aos Órgãos e às Entidades do Poder Público assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, neles se incluem o lazer e o turismo. Apesar disso, em alguns casos é inviável ao atrativo ser

totalmente adaptado ou acessível, mas pequenas mudanças podem melhorar muito, a qualidade do atendimento oferecido.

Para um local ser acessível, precisa atender às diferentes necessidades de todos os seus usuários, sendo eles turistas ou não. No caso do turismo, essa é uma condição fundamental, já que, segundo Krippendorf (2001), 31% dos turistas viajam para fazer o que quiserem, serem livres. Sem o devido acesso ao local que se pretende visitar, é muito provável que esse turista não se sinta confortável e não retorne a essa localidade.

Atualmente, podemos perceber uma melhora na inclusão dos deficientes visuais na sociedade, muitos estudam e se qualificam para o mercado de trabalho, o que faz com que consigam bons empregos, e melhorem assim, sua qualidade de vida. Isso gera um certo nível de independência aos cegos, que passam a sentir necessidade de sair sozinhos nas ruas, utilizar o transporte público, etc. No entanto, para que isso ocorra de forma adequada, as cidades precisam estar preparadas para esta demanda que existe e cresce significativamente.

Percebe-se um crescimento na preocupação com a acessibilidade, mas isso fica restrito a apenas alguns prédios públicos, como bancos, hotéis, teatros, etc. Isso ocorre, também, em função da lei 10.098/00 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a acessibilidade em prédios públicos, entre outros.

Outro grande problema é a falta de pessoas capacitadas para atender esse nicho de mercado. Além disso, a comunidade em geral, não recebe as instruções necessárias para lidar com pessoas que possuem deficiências ou outras necessidades especiais.

Diante desse problema, Sasaki (2005), mostra como podemos lidar com deficientes visuais, para proporcionar um tratamento inclusivo:

- a) passar as orientações sempre com direções, por exemplo: à sua esquerda, acima, para frente; evitando expressões como “aqui” e “ali”;
- b) Indicar distâncias em metros, por exemplo: “Uns 10m à frente”;
- c) Se conversar com uma pessoa cega, fale sempre diretamente, e nunca por intermédio de seu companheiro. A pessoa cega pode ouvir tão bem ou melhor que você. Não evite as palavras “veja”, “olhe” e “cego”; use-as sem receio. As pessoas cegas também as usam.

Essas pequenas orientações auxiliam no tratamento às pessoas cegas, facilitando o bom convívio entre todos.

Assim, em termos gerais, vê-se que existe uma melhora na inclusão social e acessibilidade em muitas cidades, no entanto, ainda insuficiente para suprir as diferentes necessidades dessas pessoas. Cabe a toda população fazer sua parte para que seja possível que se tenha uma sociedade mais acessível e adaptada, em que prevaleça aplicabilidade desses conceitos.

#### **4 TURISMO**

Sabe-se que as viagens são feitas desde os primórdios da humanidade, por diferentes motivos. O turismo, porém, é algo mais recente, pós Revolução Industrial, em função das mudanças ocorridas no cenário socioeconômico mundial. A partir dela, aparece uma classe média, com tempo livre e disposta a fazer viagens recreativas.

Sendo assim, tornou-se necessário operacionalizar o termo turismo. Segundo Barretto (2002), a primeira definição de turismo foi proposta em 1911 por Schattenhofen, em que o economista austríaco afirmou que

turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado. (2002, p. 9).

Percebe-se que esse conceito é bastante generalista e vago, considerando a complexidade do fenômeno turístico e enfatiza apenas sua esfera econômica.

Com o crescimento dos estudos em relação ao turismo, surgiram definições mais abrangentes, como, por exemplo, o da Organização Mundial do Turismo (OMT) que afirma que “...o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora do seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo, por prazer, negócios ou outros fins.” (apud IGNARRA, 2005, p. 11).

Essa definição, afirma que o para haver turismo é necessário o deslocamento de indivíduos, para um local diferente de seu ambiente usual de residência ou trabalho.

Para fins deste trabalho, por considerar a conceituação mais abrangente e enfatizar a interação provocada pelo turismo, a definição que será utilizada é a proposta por Wahab referenciada por Trigo, que afirma que

o turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países

visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas (WAHAB *apud* TRIGO, 2002, p. 12).

Nesse sentido, é entendida como uma atividade que envolve lazer, integração entre os visitantes e a comunidade receptora e intercâmbio sociocultural. É ressaltado, ainda, o valor da troca de experiência que pode ser gerada pelo fenômeno turístico.

Conclui-se que, com o passar dos anos, a forma como o turismo é desenvolvido sofre alterações, acompanhando as modificações ocorridas no mundo. Com isso, surgem novas demandas, gerando novas ofertas e sendo necessário qualificar ainda mais o setor.

## **5 IGREJA DE SÃO PELEGRINO**

A Igreja de São Pelegrino, que nos dias atuais recebe em média 2.150 visitantes por mês, que vem até o local através de grupos de turismo, surgiu em 1891, quando o imigrante italiano Rafael Burato recebeu de seu sogro um quadro a óleo da imagem de São Pelegrino. Acredita-se que no mesmo ano foi erguido, na propriedade do imigrante, situada próximo de onde encontra-se, atualmente, a igreja, um capitel em homenagem ao santo. Mais tarde, em substituição a esse capitel, foi construída uma pequena igreja, que teve sua primeira missa celebrada em 19 de abril de 1893.

No início da década de 40, uma capela maior, já no seu endereço atual, foi erguida e iniciou-se a arrecadação de fundos para a sede, inaugurada em 1953.

Os afrescos do teto e das paredes foram criados por Aldo Locatelli entre os anos de 1951 e 1960, incluindo a Santa Ceia, com 90m<sup>2</sup> de área acima do altar. O pintor, da mesma forma, criou as 14 telas da Via Sacra. Essas pinturas são, ainda hoje, um dos principais atrativos para os visitantes e frequentadores do local.

Em 1975, uma réplica da Pietá de Michelangelo, foi doada pelo Papa Paulo VI, em virtude do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Atualmente, sob a escultura se encontra o túmulo do Padre Eugênio Giordani, falecido em 1985 e idealizador do templo. A obra original, feita em 1499, se encontra atualmente na basílica de São Pedro, no Vaticano. Existem no mundo poucas réplicas oficiais dessa obra, sendo que uma delas encontra-se, justamente, na igreja em questão.

As portas de bronze levaram 14 anos para ficarem prontas, sendo inauguradas em 1983. A obra é do escultor italiano Augusto Murer e a fundição foi feita sob a orientação do uruguaio Miguel Angel Laborde, na Siderúrgica Tomé Ltda.

Verifica-se que as pinturas, esculturas e, também, as portas da igreja agregam valor artístico e cultural ao local, ultrapassando as questões meramente religiosas. Essas obras fazem o local ser um dos pontos turísticos mais visitados de Caxias do Sul, que recebe visitantes de diversas cidades, entre elas estão São Paulo, Fortaleza, Buenos Aires e Montevideú.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A aplicação das entrevistas aconteceu no dia 29 de outubro de 2010, com sete deficientes visuais, entre eles, cinco cegos e dois com baixa visão. Após uma visita à Igreja de São Pelegrino, as perguntas, apresentadas no quadro abaixo, foram lidas aos participantes por duas funcionárias do INAV e pela autora deste trabalho.

<p><b>ENTREVISTA</b></p> <p>Nome: _____</p> <p>Idade: _____</p> <p>Sexo: _____</p> <p>Profissão: _____</p> <p>Grau de escolaridade: _____</p> <p>Mora em Caxias do Sul? _____</p> <p>Em caso negativo, qual a sua cidade? _____</p> <p>Você já conhecia o atrativo? _____</p> <p>Em se tratando da infraestrutura e do atendimento do local, analise os itens abaixo, com notas de 1 a 5, sendo que 1 é insatisfatório e 5 muito satisfatório.</p> <p>a) Vagas de estacionamento reservadas para deficientes: _____</p> <p>b) Acesso: _____</p> <p>c) Obstáculos que dificultam a circulação: _____</p> <p>d) Iluminação do atrativo (para os de baixa visão): _____</p> <p>e) Iluminação das pinturas (para os de baixa visão): _____</p> <p>Quais os pontos positivos do atrativo? _____</p> <p>Quais os pontos negativos? _____</p> <p>O que precisa ser melhorado no atrativo? _____</p> <p>É importante uma pessoa para guiar a visita e fazer explicações necessárias? Por quê? _____</p> <p>O uso de miniaturas táteis com material descritivo ajudaria na visita? _____</p> <p>Você visitaria algum lugar por ser acessível ou adaptado para cegos? _____</p> <p>Dê uma nota de 1 a 5 para o atrativo: _____</p>
--

**Quadro 1:** Entrevista - perguntas feitas aos deficientes visuais, referente à Igreja de São Pelegrino  
**Fonte:** Elaborado pela autora

É importante destacar, ainda, que algumas perguntas não foram respondidas. Isso ocorreu por dois motivos distintos. São eles: a) o entrevistado não tinha uma opinião formada sobre o assunto; ou b) não soube o que responder.

Analisando os dados obtidos percebeu-se que muitos participantes têm opiniões comuns sobre a igreja de São Pelegrino. Isso pode significar que os deficientes visuais, apesar das diferenças apresentadas entre si, têm necessidades parecidas.

O atrativo já havia sido visitado por cinco participantes e foi definido por três deles como sendo muito satisfatório de modo geral, dois como sendo satisfatório e, por apenas um, como quase insatisfatório, sendo que, a questão não foi respondida por um dos participantes. Isso mostra a importância que essa igreja possui nessa região. Apesar disso, não dispõe de nenhum material explicativo sobre a arquitetura e sobre as obras para ser oferecido aos visitantes, tampouco em braille. Da mesma forma, não possui nenhuma pessoa para guiar a visita ou esclarecer dúvidas.

No que se refere à infraestrutura, no item vaga de estacionamento para deficientes, três participantes definiram como muito satisfatório o número de vagas disponíveis na entrada da igreja, três participantes como satisfatório, e, apenas um, como quase insatisfatório. Isso demonstra que a maior parte dos participantes acredita que as vagas de estacionamento reservadas para esse fim, são suficientes para atender esse público.

O acesso foi definido como insatisfatório por dois participantes, por não haver na igreja, e nem no seu entorno, nenhum tipo de piso tátil ou sinalização para deficientes visuais, sendo que um participante o definiu como muito insatisfatório. No entanto, dois participantes definiram o acesso à igreja como muito satisfatório, pela sua localização privilegiada e por não haver obstáculos desnecessários. Uma pessoa considerou esse item como satisfatório e um dos entrevistados não respondeu à questão. Percebe-se, assim, que esse item gerou opiniões distintas. Enquanto, por um lado, a boa localização do prédio e a ausência de obstáculos foram itens avaliados como pontos positivos, por outro, a falta de sinalização e piso tátil aparece como uma necessidade a ser considerada.

Em relação aos obstáculos que podem dificultar a circulação, quatro pessoas afirmaram não terem encontrado nada que atrapalhasse a sua movimentação. No entanto, três participantes disseram haver obstáculos; sendo que dois deles possuem baixa visão.

Esses dois entrevistados destacaram, ainda, que as escadas e os degraus sem sinalização, dificultam o acesso. Nota-se, portanto, que nesse local, as pessoas com baixa visão encontram maior dificuldade, em relação aos obstáculos, do que as pessoas sem nenhuma visão. Isso reforça a importância da implantação de uma sinalização mais eficaz.

A iluminação do atrativo e das pinturas, foi definida pelos dois participantes que possuem baixa visão, como satisfatória, porém, ressaltaram que os vidros existentes para proteger as obras fazem reflexo, o que pode dificultar a apreciação da obra. Isso poderia ser facilmente resolvido com a substituição dos vidros, passando-se a utilizar material antirreflexo.

Os sete participantes da pesquisa pontuaram que é de grande valia ter alguém capacitado para receber e acompanhar os visitantes. Isso aponta para uma demanda que traria benefícios não apenas para os deficientes visuais, mas para o público de forma geral. Acredita-se que esse local possui um acervo artístico cultural bastante significativo e, portanto, o seu relato é fundamental para que se compreenda a sua importância, traduzindo-se em valorização.

Quatro pessoas ressaltaram, também, a importância do material explicativo em Braille, ou mesmo, em áudio, para os que não sabem ler essa linguagem. Isso proporcionaria aos visitantes um maior conhecimento da história e da importância das obras expostas na igreja.

Todos os participantes acreditam que o uso de miniaturas táteis seria bastante útil para tornar a visita mais proveitosa, pois, funcionaria como um mecanismo que auxiliaria na formação mental da imagem.

Sobre a visitação a locais acessíveis ou adaptados para deficientes visuais, os participantes foram unânimes em afirmar que visitariam ou já visitaram lugares com esse tipo de diferencial. Para ilustrar a análise realizada, elaborou-se a tabela a seguir:

<b>Análise comparativa entre os aspectos oferecidos pela igreja de São Pelegrino e o desejado pelos deficientes visuais</b>			
	<b>Atributos</b>	<b>Situação desejada</b>	<b>Igreja de São Pelegrino</b>
<b>Infraestrutura</b>	<b>Vagas de estacionamento para deficientes</b>	Vagas disponíveis e perto da entrada	Possui
	<b>Acesso</b>	Piso tátil e sinalização nas escadas	Não possui
	<b>Obstáculos</b>	Não ter obstáculos nas áreas de circulação de pessoas	Possui
	<b>Iluminação</b>	Iluminação para apreciação das obras	Possui
	<b>Miniaturas táteis</b>	Miniaturas táteis para formação mental da imagem	Não possui
<b>Atendimento</b>	<b>Guia</b>	Profissional treinado para guiar a visita	Não possui
	<b>Material explicativo</b>	Material explicativo da história e das obras em <del>braille</del> ou áudio	Não possui

**Tabela 1:** Análise comparativa entre os aspectos oferecidos pela igreja de São Pelegrino e o desejado pelos deficientes visuais.

**Fonte:** Elaborada pela autora

Sendo assim, observando-se os dados coletados, é possível perceber que no primeiro quesito, infraestrutura, apesar das melhorias que ainda podem ser implantadas, a Igreja de São Pelegrino encontra-se mais perto da situação ideal, desejada pelos deficientes visuais, do que no segundo quesito, atendimento. Fica claro que quanto à esse último, é preciso que medidas sejam tomadas e ações implantadas, para que seja possível bem receber esse público. No entanto, as melhorias quanto ao quesito atendimento, podem ser facilmente sanadas, pois não requerem nenhuma mudança estrutural, tampouco, grandes recursos financeiros.

## 6.1 PROPOSIÇÃO DE ADEQUAÇÕES

Por meio da análise das informações coletadas, com o apoio da bibliografia pertinente, buscou-se a proposição de melhorias, que possam auxiliar a tornar o local mais atrativo para esse público.

Em se tratando do quesito infraestrutura, em relação ao acesso da Igreja, acredita-se que seria fundamental a colocação de piso tátil de guia e alerta dentro do prédio, bem como nos arredores, porém o preço dessa adequação é significativo e seria necessário realizar

uma obra no local, com a orientação de profissionais especializados. Uma solução possível seria uma parceria com algumas empresas, sob a forma de patrocínio, ou ainda, a proposição de projeto, via lei de incentivo fiscal.

Nas escadas e degraus, sugere-se que sejam colocadas tarjas antiderrapantes de cores contrastantes. Nesse caso, poderia ser na cor preta, para contrastar com o piso branco. Essa medida pode ser facilmente implantada, pois a colocação é simples e o custo não é elevado.

Já, para sanar as deficiências detectadas em relação ao quesito atendimento, acredita-se que deveria ser criado um local onde existisse uma espécie de réplica das obras e de elementos arquitetônicos em tamanho menor que os originais, bem como representação das pinturas em relevo. Esse espaço poderia estar localizado na entrada da igreja, servindo como uma extensão da Casa de Memória, que já existe. Para fins deste trabalho, esse local será chamado de Ala da Memória Artística.

As miniaturas teriam a função de reproduzir as obras e pinturas existentes. Sendo assim, poderiam ser feitas com um material que se aproxime ao máximo da temperatura e textura das peças originais. Não se pretende que sejam réplicas no seu sentido literal, mas sim, representações simbólicas, com o objetivo único de auxiliar os deficientes visuais na formação mental da imagem.

Essas réplicas poderiam ser criadas com diferentes materiais, que resistissem ao atrito gerado pelas mãos, como, por exemplo, madeira ou gesso, dependendo da situação e da peça. Com isso, os deficientes visuais poderiam tocar na reprodução das obras, fazendo com que fosse possível, mais facilmente, compreender como elas são na realidade. Sabe-se que, para os cegos, o tato é muito importante, pois é a maneira que eles possuem para formar uma imagem, na tentativa de entender como cada objeto é.

Além disso, abaixo de cada obra poderia haver um material explicativo em Braille e em texto de tinta. Esse material conteria informações artísticas, a história da obra e de seu autor, favorecendo, inclusive, os visitantes videntes.

O material explicativo poderia ser desenvolvido de duas formas, um em braille e outro em texto de tinta, contendo informações importantes sobre o local. Esse texto em tinta deve seguir o padrão determinado para atender pessoas com baixa visão, confeccionado com fonte Arial, tamanho 20, impresso em papel branco e tinta preta, o que proporciona o

contraste ideal. Além dos visitantes com visão subnormal, esse texto seria útil, também, para os demais visitantes. Para a realização dessa ação, seria necessário reunir dados sobre o local, contratar um profissional para sistematizar as informações e um para fazer a diagramação do texto. Após a realização desse trabalho, poderia ser solicitado o apoio do INAV para a tradução e impressão do material em braille e de uma gráfica, para realizar a impressão do texto em tinta.

Para auxiliar esse público, considera-se, ainda, de suma importância, haver um ou mais profissionais capacitados para guiar a visita dentro da Igreja, passando pela ala onde se encontrariam as representações. Esse profissional serviria também para sanar possíveis dúvidas que surgissem e para ler o texto em tinta para os deficientes visuais que não dominam o braille. Havendo essa pessoa, não seria necessário produzir material em áudio, uma vez que essa ação teria um custo mais elevado. Seria fundamental que esse profissional passasse por um curso de atendimento, com foco em pessoas com necessidades especiais, como os deficientes visuais, auditivos, físicos e, também, idosos. Esse curso poderia ser solicitado à Prefeitura Municipal, ao Ministério do Turismo ou demais órgão públicos competentes, como forma de incentivar a qualificação dos profissionais envolvidos com a atividade turística, mas que beneficia a comunidade como um todo. Esse treinamento poderia, por exemplo, ser ministrado pelo INAV, que possui cursos similares, destinados aos familiares dos deficientes visuais.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que, apesar de uma evolução significativa, ao longo dos anos, no atendimento e tratamento dispensado aos deficientes visuais, há, ainda, muito a ser desenvolvido para melhorar a qualidade de vida dessa parcela da população.

Em se tratando da Igreja de São Pelegrino, objeto deste estudo, foi possível perceber sua importância cultural e até mesmo artística para a região, contudo, nota-se que existem pontos a serem melhorados, tanto no sentido estrutural, quanto no atendimento ao público, em especial, os deficientes visuais. Em relação a esse último, alguns dos problemas elencados poderiam ser facilmente solucionados com pequenas adequações, conforme discutiu-se no decorrer deste trabalho. Por meio das respostas fornecidas pelos

deficientes visuais, durante a entrevista, e com o apoio teórico pertinente, pode-se levantar algumas questões, consideradas relevantes, ao se receber essa parcela da população.

De qualquer forma, acredita-se, que a implantação da Ala da Memória Artística, não apenas geraria benefícios para os deficientes visuais, que teriam acesso mais fácil e preciso às informações, mas para todos os seus frequentadores. Essa ação, por si só, seria capaz de produzir ganhos significados para os visitantes, videntes e não videntes, além da comunidade de forma geral, pois, seria capaz de funcionar como um mecanismo de divulgação do patrimônio tangível e intangível nela existente, gerando, igualmente, uma provável valorização da cultura local.

Assim, apesar da Igreja de São Pelegrino já ser um ponto turístico consolidado na região, certas adequações o tornariam ainda mais atrativo, pois a melhora da infraestrutura e a qualificação dos serviços, seriam capazes de proporcionar aos visitantes conhecer, ainda mais, a história do local e de suas obras, aumentando, assim, seu nível de satisfação.

Conclui-se que este trabalho não se esgota em si mesmo, ao contrário, se propõe a ser, apenas, um ponto de partida para que novos estudos sejam desenvolvidos, no sentido de se compreender, cada vez mais, as reais necessidades e os desejos dessa parcela da população, para que, então, um maior número de empreendimentos possa se adequar, resultando, talvez, numa sociedade, de fato, inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. 12 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

BRASIL. Lei Federal nº 11.126/2005, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 jun. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm) Acesso em: 30 ago. 2010.

BRASIL. Lei Federal nº 7.853/1989, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio as pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a coordenadoria nacional para integração da pessoa portadora de deficiência (CORDE), institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do ministério público, define crimes, e dá outras providência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 out. 1989. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm) Acesso em: 30 ago. 2010.

BRASIL. Lei Federal nº 10.098/2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm) Acesso em: 30 ago. 2010.

BRUGALLI, Alvinio Melquides. *Portas de bronze: fé, arte, história*. Caxias do Sul: Siderúrgica Tomé, 2004.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; Mota, Maria Glória Batista da. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual*. Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2001.

HUGONNIER-CLAYETTE, S.; BOURRON-MADIGNIER, M.; MAGNARD, P.; HULLO, A. *As deficiências visuais*. São Paulo: Manole. 1989.

CONDE, Antônio João Menescal. Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?itemid=94>. Acesso em: 27 ago. 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em: 30 ago. 2010.

IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. 3 ed. rev. São Paulo: Aleph, 2006.

REJOWSKI, Mirian (org.). *Turismo no Percurso do Tempo*. 2 ed. – São Paulo: Aleph, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação. Publicado em ago. 2004.

\_\_\_\_\_, Romeu Kazumi. Comportamentos inclusivos diante de pessoas com deficiência. São Paulo. Publicado em dez. 2005.

SEESP/MEC. *Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão*. 2 ed. Brasília: MEC, Secretaria de educação especial, 2006.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo Básico*. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Senac, 2002.